

# ATRAVESSANDO A PELE PRETA: EXPERIÊNCIA DE PRECONCEITO GEOGRÁFICO AO HABITAR PAISAGENS DO MEDO

*CROSSING THE BLACK SKIN:  
EXPERIENCE OF GEOGRAPHIC  
PREJUDICE IN INHABITING  
LANDSCAPES OF FEAR*

*CRUZANDO LA PIEL NEGRA:  
EXPERIENCIA DE PREJUCIO  
GEOGRÁFICO AL HABITAR  
PAISAJES DE MIEDO*

**Douglas Vitto**

Universidade Estadual de Londrina.

E-mail: d\_vitto@hotmail.com

**Jeani Delgado Paschoal Moura**

Universidade Estadual de Londrina

E-mail: jeanimoura@uel.br

## **Resumo:**

Este artigo aborda o preconceito geográfico experienciado por pessoas que habitam, constituem e são constituídas pelos bairros União da Vitória e Vista Bela, ambos no município de Londrina, Paraná. O objetivo foi desvelar como o preconceito geográfico se manifesta no cotidiano e quais são os seus desdobramentos. A metodologia de pesquisa consistiu em diálogos com essas pessoas em torno das diversas formas de sentir e ser no preconceito, por meio de chamadas de vídeo pelo WhatsApp, devido a necessidade de isolamento social, em função do período pandêmico no momento da pesquisa. Como resultados, a pesquisa revelou alguns elementos que compõem o preconceito geográfico e que merecem futuros aprofundamentos, como a violência, a pobreza, a localização periférica em bairros carentes e a questão racial. Conclui-se que as paisagens estudadas, constituídas em sua maioria por pretos, apesar de invisibilizadas na história oficial de Londrina, possuem um modo de ser e estar próprio.

**Palavras-chave:** periferia pobre, questões raciais, violência, União da Vitória, Vista Bela.

**Abstract:**

This paper addresses the geographic prejudice experienced by people who inhabit, constitute and are constituted by the neighborhood União da Vitória and Vista Bela, both in the city of Londrina, state of Paraná. The objective was to unveil how geographical prejudice manifests itself in everyday life and what are its consequences. The research methodology consisted in dialogs with these people around the multiple ways to feel and to be in the prejudice, by means of WhatsApp video calls, due to the need of social isolation, depending on the pandemic moment at the time of the research. As results, the research revealed some elements that compose the geographic prejudice and that deserve further deepening investigation, such as the violence, the poverty, the peripheral location in deprived neighborhoods and the racial issue. It was concluded that the landscapes-neighborhoods studied, made up mostly by black people, despite having been made invisible in official history of Londrina, have their own way of being.

**Keywords:** poor outskirts, racial issues, violence, União da Vitória, Vista Bela.

**Résumé / Resumen:**

Este artículo aborda el prejuicio geográfico experimentado por las personas que habitan, constituyen y son constituidas por los barrios “União da Vitória” y “Vista Bela”, ambos en la ciudad de Londrina, Estado de Paraná. El objetivo fue desvelar cómo se manifiestan los prejuicios geográficos en la vida cotidiana y cuáles son sus desdoblamientos. La metodología de la investigación ha consistido en diálogos con estas personas alrededor de las diversas formas de sentir y estar en el prejuicio, a través de videollamadas por WhatsApp, debido a la necesidad de aislamiento social, debido al período de pandemia en el momento de la investigación. Como resultados, la investigación ha revelado algunos elementos que conforman el prejuicio geográfico y que merecen ser profundizados en el futuro, como la violencia, la pobreza, la ubicación marginada en barrios pobres y la cuestión racial. Se concluye que los paisajes-barrios estudiados, en mayoría formados por personas negras, a pesar de ser invisibles en la historia oficial de Londrina, tienen su propia forma de ser y estar.

**Mots-clés / Palabras-clave:** barrios pobres, cuestiones raciales, violència, União da Vitória, Vista Bela.

## Introdução

Esse artigo dá centralidade ao preconceito geográfico experienciado por habitantes que constituem e são constituídos por dois bairros periféricos carentes, União da Vitória e Vista Bela, no município de Londrina, Paraná. Na sensação de segurança e insegurança, na experiência cotidiana de seus habitantes, se desvelou o preconceito geográfico (VITTO, 2021). Para Albuquerque Jr (2012) do entendimento apressado, superficial e estereotipado ao associar a pessoa ao lugar onde habita, nasce o preconceito geográfico, entendido como a relação de posse, em que se delimitam fronteiras, considerando como inferior o que está fora dela.

As percepções imediatas não são suficientes para envolver profundamente nossas emoções, pois é por meio da experiência que as pessoas introjetam as tonalidades afetivas e conhecimentos da paisagem ao serem constituídas e constituírem-na no envolvimento profundo ser-lugar (MARANDOLA JR, 2012). Na periferia pobre não há imagem de satélite que dê conta de mapear sua intensa dinâmica, onde se mora, joga baralho nos finais de semana, bebe no bar, entre outras atividades (NABOZNY, 2011). Nas experiências paisagísticas, o corpo sensível ocupa lugar central, pois é sentido, vivo, receptáculo dos afetos e espacialidades afetivas, mergulhado nas experiências paisagísticas polissensoriais.

Por meio do corpo-vivo-existencial, o homem se lança no mundo em direção ao outro, experienciando-o (MARANDOLA JR, 2014). O corpo é repellido e atraído em relação ao que lhe causa repulsa ou agrado e por meio de seus intermédios experiencia e imagina paisagens, lugares e espaços. É o corpo, com seus órgãos sensitivos, sendo e estando mergulhado na paisagem, que constrói a

experiência humana. Dos sentidos e de sua significação, somados à cultura e ao ambiente, é que criamos lugares, paisagens e imagens mentais (TUAN, 2013).

Os bairros União da Vitória e Vista Bela podem se tornar paisagens ao serem experienciados por seus habitantes por meio da visão, olfato, paladar, tato e audição, tornando parte de si, diluindo sujeito e objeto, afetando a carne e o sangue, em uma horizontalidade, abertura e estranheza (MARANDOLA JR, 2013; BESSE, 2014; DARDEL, 2015; TUAN, 1979).

Em alguns momentos o União da Vitória e Vista Bela serão considerados bairros ao se referir apenas a sua materialidade e, quando envolver a dimensão da experiência direta, serão nomeados de paisagens. Paisagens que podem propiciar insegurança ou segurança. A paisagem é como horizonte de passagem, superfície sensível afetada de algum modo por aquilo que acontece, os acontecimentos. Experienciar a paisagem envolve passividade, receptividade, disponibilidade, abertura e exposição, envolvendo vulnerabilidades e riscos. Se não há exposição, nada lhe passa, acontece-lhe, toca-lhe ou ameaça-o, nada acontece, pois é incapaz de experiência. Experiência envolve encontro com algo que se experimenta, expondo-se e atravessando um espaço indeterminado e perigoso (LARROSA, 2019).

O uso do termo habitante e habitar considera a dimensão da experiência enquanto modo de habitar um mundo encarnado no espaço e tempo, com os outros (LARROSA, 2019), numa abertura, em um ser-e-estar-no-mundo (MARANDOLA JR, 2020), indo de encontro, sendo atropelado, habitando o corpo pelo mundo e o mundo pelo corpo. Conforme Marandola Jr (2020, p. 37), “seres-em-

situação encarnados em seus lugares”, possibilitando o conhecimento acerca da existência por meio da experiência. Habitar a paisagem é ser paisagem. Ela é introjetada em nós por meio da experiência, afeta a carne e o sangue (DARDEL, 2015), num horizonte de possibilidades. Ao mesmo tempo, em que atribuímos tonalidade afetiva à paisagem, constituindo-a. Essa associação parece estar presente no preconceito geográfico (ALBUQUERQUE JR, 2012) ao relacionar pessoa e lugar, entretanto, numa perspectiva generalista e depreciativa, que desqualifica a paisagem ao estereotipá-la.

O preconceito é um conceito apressado, opinião, descrição, caracterização, explicação, que antecede o esforço verdadeiro para conhecer o outro em sua diferença. Preconceito que diz mais sobre quem o emite a respeito dos conceitos da sociedade. O preconceito geográfico baseia-se em marcar alguém por pertencer ou dividir um território, espaço, lugar, vila, cidade, província, estado, região, nação, país, continente, considerado inferior, menos civilizado, inóspito, e habitado por pessoas cruéis, feias e ignorantes.

Marcamos todos com estigmas, estereótipos e preconceitos que envenenam o dia a dia, manifestam-se e explodem nas atividades do cotidiano (ALBUQUERQUE JR, 2012). Preconceito gerado na verticalidade àqueles que estão afastados (BESSE, 2014) e não imersos na horizontalidade. O preconceito racial atravessa o preconceito geográfico, se encontram, mas não são iguais. O racismo baseado na cor preta para estigmatizar, inferiorizar, deixar na mira dos crimes de homicídio e excluir da vida política, mercado de trabalho e ambientes educacionais.

A metodologia de pesquisa buscou perseguir as ideias de Larrosa (2019) sobre o valor da experiência enquanto algo que nos toca, nos acontece e nos passa, e não o que toca, acontece e se passa. O sujeito moderno informado e que opina é um consumidor voraz e insaciável de notícias. Tudo o choca, excita, atravessa, mas nada lhe acontece, assim, a ausência de silêncio e memória são inimigas mortais da experiência. Experimentar requer que algo nos toque ou nos aconteça.

Nesse sentido, a metodologia consistiu em conversar com pessoas que habitam, constituem e são constituídas pelo União da Vitória e Vista Bela, com o objetivo de suspender a opinião e automação da ação, nos demorar nos detalhes, sentir mais devagar, escutar o outro, abrir os olhos e os ouvidos, cultivar a atenção e delicadeza, ter paciência e dar-se tempo e espaço. Devido a pandemia Covid-19 esses diálogos aconteceram via chama de vídeo pelo WhatsApp, em que buscamos captar a experiência ou conhecimento da experiência direta e íntima, que segundo Tuan (2013), são mediadas por símbolos e influenciam os conhecimentos e construções da realidade, pois se voltam para o mundo exterior, para aquilo que nos acomete no sentido de passividade. Para preservar o nome civil dos participantes foram usados os seguintes pseudônimos: Matheus, Carmem, Theo, João, Gabriela e Maria, Falcão, Helena, Turner e Cândida.

O artigo está organizado em três partes. Na primeira, “A Questão Racial e o Preconceito Geográfico em Londrina”, discutimos a paisagem do medo (TUAN, 2005) e o contexto de violência no União da Vitória e Vista Bela, ambos constituídos por parte da população preta e invisibilizada. Na segunda e terceira

partes, “Diálogos com habitantes do União da Vitória” e “Diálogos com habitantes do Vista Bela”, abordamos o contexto e as experiências de preconceito geográfico nestas paisagens do medo.

### **A Questão Racial e o Preconceito Geográfico em Londrina**

O preconceito geográfico por meio de caracterizações depreciativas pode gerar medo e estranheza nas pessoas, permitindo tecer relações com paisagens do medo. As paisagens do medo referem-se a ausência de controle, naturais, humanas, estados patológicos e meio ambiente real. Toda construção humana, mental ou material, pode compor uma paisagem do medo. Medos que estão em nós e projetamos nas pessoas, lugares e paisagens. As casas, cidades, campos de cultivo, fronteiras servem para controlar o caos. Cada casa, muralha, cerca, fronteira, radar é uma espécie de fortaleza, geradora de segurança para defender os seus habitantes de forças hostis, que podem estar em todos os lugares (chuva, vento, lobo, doenças, exércitos estrangeiros, loucos, estranhos, entre outros) (TUAN, 2005). Construções humanas que refletem o medo e a busca por segurança.

Exemplos que podem desencadear a insegurança e ansiedade, medo nas pessoas, pois, entre os gatilhos para gerar medo e compor paisagens do medo, encontram-se a violência constituída por roubos, homicídios e tráfico de drogas. A cidade enquanto *lócus* de aglomeração de pessoas pode gerar grande realização, mas também produzir violência (TUAN, 2005). Quando pensamos na violência – homicídios e tráfico de drogas –

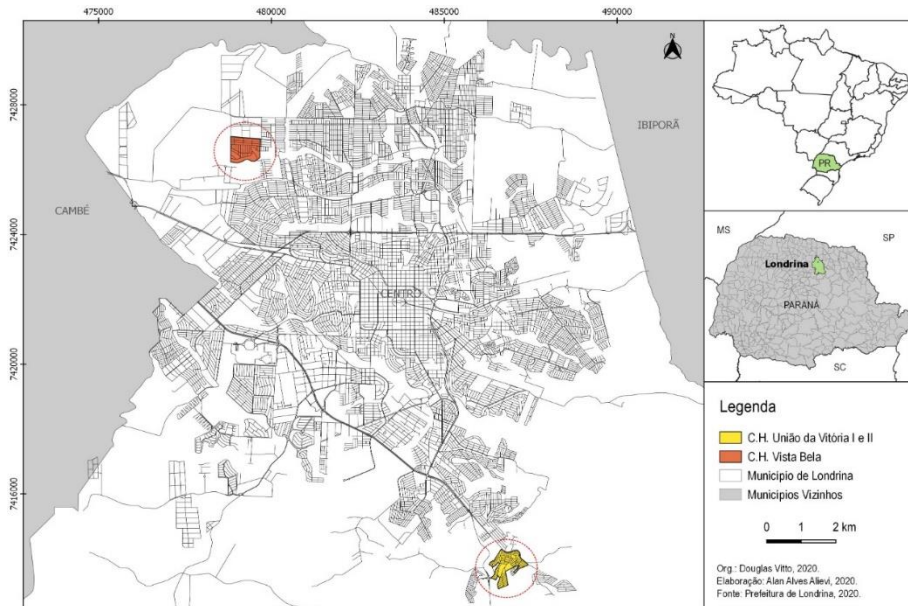
manifestada em Londrina, percebemos que viver na cidade é estar exposto à possibilidade de eliminação do corpo e do viver.

Considerando que a experiência de estar lançado na paisagem constituindo-a e sendo constituído por ela envolve presença atraente ou estranheza (DARDEL 2015). Tuan (2005) permite pensar essa estranheza ao propor a ideia de Paisagem do Medo enquanto experiência do homem com o meio, permeada pela ansiedade e insegurança diante da ausência de controle.

O pensamento de Tuan é centralizado no medo que permeia a experiência do homem na paisagem, entretanto não é focado nos contextos brasileiros que podem provocar medos na população. Nesse sentido, relacionamos a paisagem do medo ao contexto de violência na cidade de Londrina que atravessa o União da Vitória e Vista Bela, ambos localizados nos limites da malha urbana de Londrina, respectivamente nos extremos, sudoeste e noroeste (fig.1).



**Figura 1 - Localização dos bairros Vista Bela e União da Vitória, Londrina-PR.**



Fonte: LONDRINA, 2020.

O União da Vitória e o Vista Bela são constituídos principalmente por pessoas pretas. Os jovens pretos são os principais alvos dos crimes de homicídios. O corpo preto antes de morrer, até o encerramento abrupto da vida pelo homicídio, sofre intensa privação do viver ao estar na mira dos enquadramentos policiais, habitar longe dos centros de participação política, excluído da universidade e alvo de preconceitos (SILVA, 2014).

No entanto, não é apenas a violência que permeia a experiência nessas paisagens, apesar das adversidades, elas compõem a vida emocional, familiaridade e invólucro que proporcionam a segurança. Sendo paisagem, experienciaram seus filhos crescerem, as relações de vizinhança, o ar gélido do inverno, as altas temperaturas do verão, medos, risadas, esperanças e a

passagem do tempo. Horizonte do sentir que, por meio de um corpo-vivo-existencial, se constitui ao experienciar (MARANDOLA JR, 2014).

A família, amigos, corpo, rotina e estilo tecem o casulo protetor (GIDDENS, 2002), isto é, a confiança básica que é uma orientação emotivo-cognitiva em relação aos outros, aos objetos e organização interpessoal no tempo e no espaço. Marandola Jr (2006) traz importante contribuição para pensar o casulo protetor considerando a dimensão espacial, reflexão da espacialidade humana para pensarmos a vulnerabilidade existencial. Os casulos protetores são reflexos dos medos que nos perseguem ao longo da vida, aparecendo e desaparecendo.

O medo é subjetivo, pois está em nós. Alguns são produzidos por um ambiente ameaçador e outros não. Os medos mudam ao longo do tempo. Alguns surgem na infância, e outros na adolescência e/ou vida adulta. Determinados medos persistem e/ou desaparecem ao longo da vida. Alguns medos específicos são apreendidos e podem variar em tipo e intensidade entre as pessoas. A imaginação sobre espaços representados por tentações e ameaças podem ampliar o medo (TUAN, 2005).

O medo é composto pelo sinal de alarme e ansiedade. O sinal de alarme é associado a um evento inesperado e impeditivo do meio ambiente. A ansiedade é a resposta difusa de medo, habilidade de antecipação, pressentimento de perigo, principalmente quando o sujeito se depara ou está imerso em determinada paisagem estranha e desorientadora, longe de seu território e aspectos conhecidos que lhe fornecem segurança. O medo humano pode ser potencializado pela vergonha e culpa (TUAN, 2005).

O medo que está em cada um de nós é projetado nas outras pessoas, paisagens e lugares, diante das sensações da perda de controle, incapacidade de exercer poder e barrar as potenciais fissuras ao nosso casulo protetor. Esses comportamentos são associados a estranhos, assaltantes, ladrões, assassinos e imigrantes pobres. A pobreza como fonte potencial de corrupção moral assombra e transforma as ruas, as cidades, o campo, o pátio de recreio da escola, isto é, espaços, que deveriam possibilitar o desenvolvimento das pessoas, tornam-se amedrontadores, se configurando como paisagens do medo. Como resposta, algumas paisagens são evitadas. Muros e cercas de casas, prédios, condomínios são tentativas de proteção contra inimigos humanos, caos e violência, criando proteções contra ameaças decorrentes das ações humanas que podem se manifestar em variadas escalas (TUAN, 2005).

Quando as pessoas não conseguem estabelecer confiança e solidez na relação com pessoas e objetos que as circundam, elas apresentam seu casulo protetor mais frágil em filtrar ameaças externas. O casulo protetor pode ser rompido temporariamente ou permanentemente. As pessoas lidam com perigos, que despertam medo, alterando comportamentos e pensamentos cotidianos (GIDDENS, 2002).

Em Londrina, condomínios verticais e horizontais fechados concentrados na região sudoeste, por exemplo, são habitados principalmente por brancos e podem ser considerados exemplos de fortificações contra a violência associada aos bairros habitados por pessoas pobres e pretas (GALDINO, 2017). Para alguns, a segurança pode ser mais importante no bairro do que na casa, em

outras palavras, a insatisfação com a casa pode não implicar descontentamento com o bairro (TUAN, 2005).

Entre 2010 e 2014, o Centro de Referência de Assistência Social (CREAS II - responsável pela proteção e acompanhamento de adolescentes e jovens em medidas socioeducativas, por determinação judicial, em Liberdade Assistida) declarou que dos 56 jovens vítimas de homicídio em Londrina, 40 eram pretos (GALDINO, 2017). 71% dos mortos eram pretos e 29% brancos. Dos 40 pretos mortos vítimas de homicídios, 27 não frequentavam salas de aula na época de suas mortes. Do total de mortos, a polícia foi responsável por ceifar a vida de 19 pretos nas ações de repressão policial que externa o racismo. 12 morreram na zona norte, nove na zona sul, 11 na zona leste, 14 na zona oeste e oito no centro de Londrina. Dos 24 mortos em confronto policial, 19 eram pretos e cinco brancos.

Ao coletar dados junto ao Instituto Médico Legal de Londrina (IML), para o período de 2005 e 2014, Galdino (2017) verificou que o número de homicídios predominou nas áreas periféricas habitadas, principalmente, pela população preta. Ao analisar a morte de pretos em Londrina por bairros, entre 2005 e 2014, desvelou 36 homicídios no União da Vitória e 15 no Parigot de Souza, onde se encontra o Vista Bela, bairros permeados intensamente pelas práticas de eliminação dos corpos e vidas da população preta.

Em seu processo histórico, Londrina contou com grande participação de migrantes de São Paulo e Minas Gerais, no entanto, os imigrantes estrangeiros, mesmo sendo minoria, sobrepujaram os demais grupos populacionais como os pretos (GALDINO, 2017).

Existem homenagens aos ingleses e japoneses, mas os pretos são invisibilizados, deixados longe do centro histórico, negados e não reconhecidos pela significativa contribuição para a expansão agrícola londrinense (SOUZA, 2014). A localização dos pretos em Londrina expressa, conforme Silva (2014, p. 22), que “[...] continuam ser uns eternos estrangeiros em seu próprio território”, isto é, não são vistos como constituintes da história oficial de Londrina, com suas memórias apagadas são deixados à margem do acesso aos serviços de saúde, educação, lazer e cultura.

As paisagens do medo e o preconceito geográfico têm cor. Os homicídios na cidade de Londrina podem ser entendidos enquanto causa da estranheza que permeia a relação do homem com a terra (DARDEL, 2015), no caso, principalmente aqueles que não habitam o União da Vitória e Vista Bela, com maiores chances de impossibilitar que seus habitantes, principalmente pretos, realizem a sua existência. Se a introjecção do lugar permite que nos tornemos os lugares que vivemos (MARANDOLA JR, 2012), os homicídios impedem o estar-no-mundo (BESSE, 2014).

Para Albuquerque Jr (2012), os estereótipos surgem da caracterização grosseira e indiscriminada do outro, dita em poucas palavras, em um esboço negativo. As diferenças e complexidades são apagadas em prol de superficialidades e semelhanças sem profundidade. Leitura do outro simplificada e acrítica que induz uma imagem e verdade não passíveis de problematização. Uma forma de ver e dizer o outro, vinculando-o a práticas, tornando-o realidade e subjetivado. Paisagens negadas por serem constituídas por pretos e pobres, não inclusos, dificultando o conhecimento e

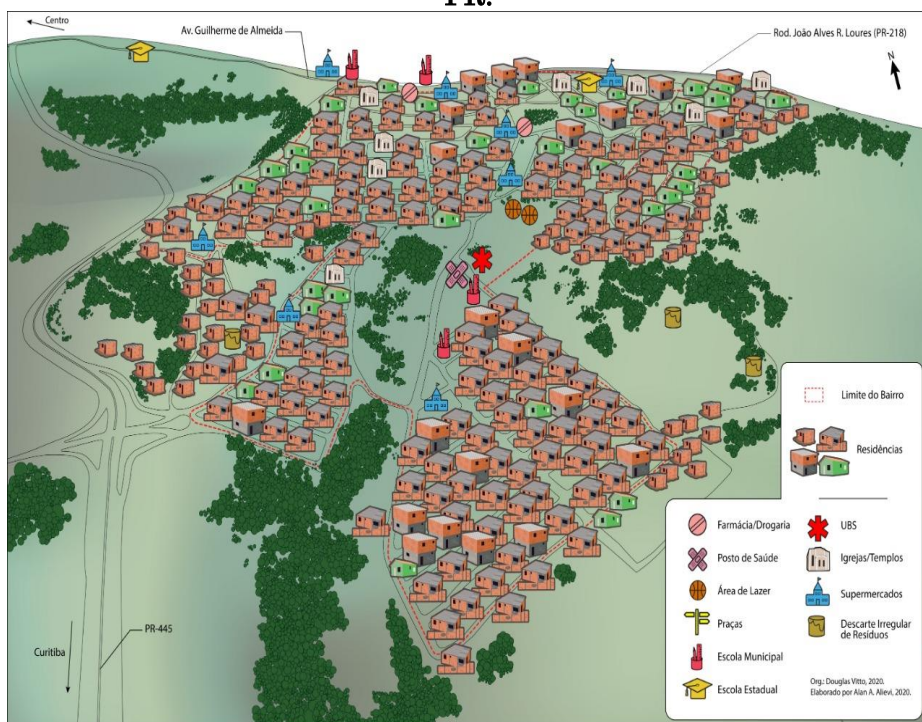
experiência com este outro e o rompimento de descrições grosseiras, negativas, associadas a violência.

No começo de sua estruturação o União ganhava visibilidade por meio dos noticiários de mortes oriundas de brigas ou ações policiais, sendo estigmatizado (GALDINO, 2017). O mesmo se aplica ao Vista Bela. Paisagens do medo para os outros, pois o medo está neles. E, se a paisagem contém dimensões de nós, essas dimensões, ao olhar dos outros, podem causar estranheza. Eis os diálogos...

### **Diálogos com habitantes do União da Vitória**

A memória urbana do União da Vitória surge por meio do tensionamento entre famílias sem-terra e sem-teto com o governo na escala municipal e estadual.

**Figura 2 – Mapa Ilustrado do Bairro União da Vitória, Londrina-PR.**



Fonte: AUTOR, 2021.

Na figura 2 é possível identificar elementos que representam simbolicamente o bairro União da Vitória com ruas assimétricas em largura, subindo e descendo, esparramadas sobre um relevo acidentado/irregular, com casas heterogêneas em altura e largura, muradas e não muradas, de autoconstrução não rebocadas, casas pintadas, telhados frágeis de Eternit, casas construídas pelas próprias famílias e com recursos próprios, unidade básica de saúde (UBS), farmácia/drogaria, posto de saúde, área de lazer, praças, escola municipal, escola estadual, igrejas, supermercados e estabelecimento para descarte de resíduos.

A paisagem “não atrativa” do União da Vitória remete à ausência de planejamento e padronização, refletindo o nascimento deste bairro a partir da iniciativa de luta e resistência de seus habitantes. Distante da região central de Londrina, a 12km, o União da Vitória teve início em 16 de agosto de 1985 com 15 famílias londrinenses de ex-agricultores que, após realizarem o êxodo rural, ocuparam o terreno, composto por extensa faixa rural de solo rochoso inapropriado para habitar, da Companhia de Habitação de Londrina (COHAB) (CAMPONEZ, 2005).

Anos se passaram e surgiu o questionamento sobre os pontos de encontro e desencontro entre a violência imaginada e a violência experienciada no União. Noção de violência que alimentava o preconceito por habitar, constituir e ser constituído pelo União da Vitória. Nesse momento da pesquisa, para desvelar as experiências daqueles que habitam o União da Vitória, pretendíamos nos lançar no União da Vitória, mas devido à pandemia da Covid-19, não foi possível.

Com isso, optamos por promover conversas virtuais via chamada de vídeo no WhatsApp e gravá-las no notebook. Ao entrar em contato via mensagem no Instagram com a Gabriela do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina e ex-habitante do União da Vitória, conseguimos a indicação de habitantes que nos conduziram a outros sucessivamente. Conseguimos conversar com seis habitantes sobre a mobilidade a outros lugares da cidade, a experiência de violência, o preconceito geográfico, a vida no União da Vitória e os desejos de melhoria.

Entre março e abril de 2021, mergulhamos no União da Vitória. Não estávamos lá com nossos corpos fisicamente, mas face



a face virtualmente, de olhos, ouvidos e coração aberto, deixamos as narrativas, entonações de voz e expressões faciais entrarem em nós. Por meio dos relatos de experiências de Matheus, Carmem, Theo, João, Gabriela e Maria, mergulhamos, imaginamos e conhecemos um pouco da vida daqueles que estão com os corpos lançados experienciando, constituindo e sendo constituídos numa introjeção, um União, Uniões, que para nós eram incógnitos, desconhecidos.

O desafio dessa pesquisa empírica foi deixar a consciência de realidade, imaginário e espaço atravessarem o corpo na mediação pelo “pensamento paisagem”. A percepção do sujeito torna o ambiente uma paisagem, fazendo da experiência um horizonte de pensamento e paisagem que, por meio da visão corporificada, escreve sobre o mundo (SASSI; NABOZNY; CHAGAS, 2021). As conversas, baseadas em um roteiro semiestruturado, giraram em torno das indagações: como é para você a locomoção para outros bairros de Londrina? Já sofreu algum tipo de violência no União da Vitória? Como você entende a violência no União da Vitória? Você já sofreu preconceito por ser União da Vitória? Como é viver no União da Vitória? O que você gostaria que mudasse no União da Vitória?

As narrativas possibilitadas pelo diálogo, mostraram que o preconceito sobre o União da Vitória coloca seus habitantes numa situação de não pertencimento a outros espaços da cidade. Carmem, que é União da Vitória, em algumas situações se sentiu constrangida por expressar abertamente o nome de onde habita e é constituída, pois, ao revelar o seu lugar, ela poderia ser impedida de conseguir uma vaga de emprego, além de tal fato já ter sido motivo de risadas na escola, como narrou nossa interlocutora. O relato de Carmem expressa como alguns lugares de trabalho, escola,

amizades e até mesmo o ambiente hospitalar que frequentou não foram acolhedores, gerando constrangimentos de falar onde habita, levando-a a negar uma parte de si.

Receio de indicar onde habita também permeou Theo em situações em que arquitetou formas para não gerar estranhamento, julgamento e não aceitação por parte do outro ao revelar uma parte de si,

Antigamente, desde o começo eu saia pra uma balada, eu conhecia alguém, ai eu não falava que eu morava no União, porque se eu falava o povo ficava com preconceito. Ai eu falava que morava no ouro branco, na rua das orquídeas, eu inventava um nome de rua (THEO, 2020).

Essa tensão foi expressa ao entrar em contato com outros espaços e pessoas, como, por exemplo, em baladas. A omissão de parte de si, ao informar outros lugares imaginários de moradia, foi motivada pelo receio ao que os outros iriam pensar/dizer, o que mostra a insegurança ao experienciar outros lugares.

O preconceito geográfico sobre o João foi recorrente ao longo de suas experiências de trabalho ao experienciar outros lugares. Ele rememorou situações em que foi chamado de “favelado” na intenção de inferiorizá-lo por habitar e ser União da Vitória. João entendia as oportunidades em um novo emprego enquanto caminho alternativo ao da criminalidade, entretanto, a falta de acolhimento marcou uma de suas experiências de emprego, no qual sofreu uma acusação de roubo, associando as suas características físicas com o seu lugar de morada.

Tal fato demonstra que o preconceito geográfico está arraigado na sociedade, pois se presentifica em outras paisagens periféricas pobres. Pelas narrativas de João, o mundo periférico

pobre não tem a liberdade para demonstrar um estilo de vida próprio, como cantar rap e gingar capoeira, por exemplo, o que reverbera em motivos para depreciação, acusações, e diferentes formas de inferiorização. João chama de “inferno” as situações cotidianas de desconforto, ausência de paz, não acolhimento, não pertencimento, negação de sua existência por ser um homem preto e ser União da Vitória.

Maria reconhece, desde criança, ter experienciado preconceito geográfico por ser do União da Vitória e migrante nordestina, cuja origem internalizada em seu sotaque “arrastado”. Esse preconceito geográfico sobre o nordestino está baseado nos estereótipos de “baiano”, “paraíba”, “nortistas”, utilizados genericamente por sulistas, paulistas e cariocas ao verem os nordestinos como retirantes, flagelados e migrantes (ALBUQUERQUE JR, 2012). Essa singularidade em seu modo de ser, duplamente negada, levou Maria a se envolver em algumas brigas corporais com crianças da escola que a chamavam de “sem-terra”, enquanto uma forma de contestar o preconceito geográfico, por crianças que não eram o Nordeste e nem o União da Vitória.

Maria relata que devido à grande quantidade de mortes no União da Vitória, suas amigas tinham dificuldade para conseguir emprego e a alternativa era informar o endereço de outras pessoas. O preconceito geográfico afetou algumas relações amorosas, como mostra Maria, nas quais as pessoas que habitavam paisagens próximas gostavam de conversar virtualmente, mas não estavam dispostas a se lançarem no interior do União para encontrá-la. Percebemos o poder do preconceito quando Maria narrou sobre os comentários de inferioridade no local de trabalho, o que levou sua

tia a vender a casa no União da Vitória e comprar terreno em outro bairro para evitar tamanho preconceito.

As narrativas de Matheus, Carmem, Theo, João, Gabriela e Maria sobre a manifestação do preconceito geográfico em suas experiências ao constituírem e serem constituídos pelo União da Vitória foram permeadas por indignações, frustrações, revoltas e ressignificação no decorrer do tempo, o que não foi diferente na pesquisa com moradores do Vista Bela. Assim como o União da Vitória, o Vista Bela refere-se aos excluídos da cidade de Londrina reforçando o processo de segregação dos bairros pobres, como veremos adiante.

### **Diálogos com habitantes do Vista Bela**

O Vista Bela é fruto do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), criado em 2009, pelo Governo Federal, na tentativa de diminuir o *déficit* habitacional do país, atendendo pessoas com renda até R\$ 1.600,00 (mil e seiscentos reais), que moravam em ocupações irregulares ou pagavam aluguel (BEZERRA, 2014). O anúncio da construção e instalação do Vista Bela, em 2011, foi como uma ilha de esperança, terra firme para aqueles que estavam sem suas casas próprias.

**Figura 3 – Mapa Ilustrado do Condomínio Residencial Vista Bela, Londrina-PR.**



Fonte: AUTOR, 2020.

O contexto de criação deste bairro, oriundo do PMCMV do Governo Federal, explica a estética mais padronizada das casas e edifícios em relação ao União, com mesma altura e largura até nas janelas e portas, casas com telhas romanas formando um circunflexo e paredes nos tons amarelo e laranja claro, prédios com cores claras e ruas simétricas. Casas e apartamentos com características estéticas homogêneas e aparente apagamento das singularidades.

O Vista Bela encontra-se a 8,5km do centro da cidade e 3,5 km da Avenida Saul Elkind (VINCENTIM; KANASHIRO, 2016). A distância do bairro em relação a outros equipamentos urbanos é, até hoje, experienciada por parte de seus habitantes. Inúmeros

fatores contribuíram para o desencantamento do Vista Bela aos olhos de seus habitantes e não habitantes como, por exemplo, o doloroso processo de reterritorialização de algumas famílias.

Ao chegarem no Vista Bela, não havia escolas, posto de saúde, farmácia e supermercados no bairro. A alternativa era deslocar-se para outros bairros em busca destes serviços. O Vista Bela também se encontrava distante do local de trabalho de muitos trabalhadores e seus familiares e amigos. A ausência de equipamentos e serviços dificultavam o acesso e, ao mesmo tempo, restringiam a possibilidade de construção da identidade no bairro.

Inicialmente o Vista Bela possuía somente algumas praças e áreas de lazer, e pela articulação entre os habitantes, conquistou-se mais recursos como escola municipal, escola estadual, unidade básica de saúde (UBS) e circulação de ônibus pelas ruas deste bairro. Quanto ao acesso à educação, até meados de 2017, não havia escolas de Ensino Fundamental e Médio, o que desestimulava alguns jovens a estudarem, pois teriam que se deslocar para lugares distantes e pagarem passagens de ônibus. As igrejas e estabelecimentos comerciais surgiram por iniciativa dos habitantes.

Entramos em contato com os habitantes do Vista Bela, para por meio dos relatos de experiências dos habitantes desvelar como a violência, a sensação de segurança, a insegurança e o viver numa introjecção junto ao Vista Bela se manifestam cotidianamente. O primeiro contato ocorreu por Instagram com Cândida, habitante do Vista Bela, que indicou outros habitantes. Algumas pessoas indicadas por ela não quiseram participar por falta de tempo e outras por estarem lidando com o luto pela morte

de vizinhos vítimas da Covid-19. Conseguimos conversar com seis habitantes.

Em conversa com Falcão, Helena, Turner e Cândida, que são do Vista Bela, desvelou-se o preconceito geográfico em suas experiências cotidianas ao estarem com seus corpos lançados na interioridade e exterioridade do Vista Bela. Por meio da pergunta, “Você já sofreu preconceito por ser Vista Bela?”, travamos a dialogia com pessoas do terceiro setor, da pedagogia, estudante do Ensino Médio, aposentada por invalidez, desempregada e graduanda em Artes Visuais. Os habitantes com os quais conversamos, antes de relatarem suas experiências de preconceito geográfico, fizeram uma pausa com inúmeras lembranças vividas em suas mentes, expressando em palavras, sentimentos vividos, pensativos e distantes. Após alguns segundos, começaram a falar. Muitos disseram que esse preconceito, em seu cotidiano, é frequente em diferentes intensidades.

Em seu cotidiano como ativista de favela, Falcão considera comum, porém não normal, o preconceito geográfico, pois ele diz que seu estereótipo, discurso e vestimenta expressam seu ser da favela, pessoa da quebrada, e isso gera olhares e julgamentos. E, quanto ao racismo, se você for branco, mas pobre, você é considerado preto no modo como as pessoas se relacionam com você. Falcão já ouviu falas como: “eu sou luz nessas vidas apagadas”. Essa fala reflete a posição de superioridade em relação aos habitantes do Vista Bela, enquanto pessoas sem vida, sem humanidade, sem civilidade, sem esperança, sem perspectivas de futuro e largadas à própria sorte. Fala herdada da colonização baseada no argumento de levar

civilização para os povos não civilizados, sem alma. Um Vista Bela sem vida e sem dignidade.

Outra fala que Falcão ouviu foi “e lá onde você mora tem mais pessoas assim como você? Como eu posso dizer... hã...exóticas?”. A palavra exótica remete ao que é esquisito, excêntrico, que não é nativo. E, no contexto da frase, foi para se referir aos pretos de maneira inferiorizada e animalésca. Falcão, ao se deparar com esses e outros discursos preconceituosos, contra-argumenta, resiste e permanece na luta enquanto mulher preta da quebrada Vista Bela.

Quando Helena revela habitar no Vista Bela, os não habitantes encaram-na como “se morasse em outro planeta”, ou lugar fora do comum, anormal. Além disso, ela relatou o caso de a pessoa não perceber estar cometendo preconceito geográfico ao falar sobre a violência apenas por habitar o Vista Bela, como se a violência estivesse proliferada em todos os seus cantos.

Turner mostra o medo das pessoas irem ao Vista Bela, o que dificulta o acesso a alguns serviços como, por exemplo, o gesseiro, a marmoraria e entrega de lanche. Os prestadores de serviços anunciam que fazem entrega em toda Londrina, mas alguns se negam a ir ao Vista Bela, ou seja, negam uma parte de Londrina. Turner mencionou a facilidade de acesso ao Uber por sempre usar o aplicativo, mas ressalta que, dependendo “da hora e da rua”, eles consideram “área de risco”, em outras palavras, área com possibilidade de assalto, mortes e agressão ao corpo.

Esse preconceito geográfico afeta Cândida desde a infância, antes mesmo de habitar o Vista Bela. Preconceito enfrentado no ambiente escolar e mantido ao frequentar cursinhos pré-



vestibulares. A não aceitação para si do Vista Bela que habita e a constitui, que constituía seu ser e que era constituído por ela, motivava Cândida a pegar outras linhas de ônibus para não ser vista chegando no cursinho no ônibus, cuja linha ligava diretamente ao Vista Bela. Esse desvio demandava mais tempo e cansaço. Um preconceito em relação a si própria, até maior ao preconceito das outras pessoas.

Ao ingressar na universidade como estudante de Artes Visuais e entender a importância de aceitar suas origens, Cândida conseguiu desconstruir esse preconceito geográfico, entretanto, ainda se depara com o preconceito pelos não habitantes, como, por exemplo, quando precisa utilizar o Uber, situação que apareceu durante a pesquisa em vários relatos.

Ao constituir e ser constituído pela paisagem que experiencia por via dos sentidos, o habitante é delineado por uma circunstancialidade que se diferencia de outras paisagens que podem ser entendidas como estranhas, perigosas e ameaçadoras. Espaço geográfico estruturado em centro e periferia com valores decrescendo para a periferia. Isto é, o mundo percebido como o “self”, centro, estruturação egocêntrica ordenada, dotando de menor valor o que está longe do seu “self”.

Se a memória urbana da origem de Londrina remete ao colonizador europeu, e, na atualidade, brancos que ocupam em maior parte a área central e Gleba Palhano com seus respectivos cartões postais, as periferias, pobres, pretas, são dotadas de menor valor devido à sua circunstancialidade. O apagamento da história da população preta em Londrina, considerada inferior, sujeita a

sofrer violência e a valorização da branquitude enquanto símbolo de desenvolvimento (SILVA, 2014).

A aceitação do outro, do União da Vitória e Vista Bela requer aceitá-los em sua circunstancialidade e não o seu apagamento para tentar torná-los semelhantes às demais áreas da cidade, porque não são. As narrativas de experiência do preconceito geográfico, por serem União da Vitória e Vista Bela, lembram Sassi, Nabozny e Chagas (2021) ao escreverem que nossos corpos estão imersos na cultura e tem fronteiras permeáveis, sendo privados e públicos, sítios de dor e prazer, discursivos, dominadores e dominados por outros corpos ao estarem no mundo, podendo expandir-se ou retrair-se.

A rotina diária pode condicionar o nosso acesso a lugares específicos da cidade normalmente ligados à rota de casa, trabalho, estudos e lazer. Poucos lugares experienciados diretamente frente à gama de possibilidades desconhecidas. A ausência de experiência direta, interioridade (BESSE, 2014), em alguns lugares podem promover o descolamento da geograficidade e historicidade, intensificando a insegurança ontológica e estranhamento (DARDEL, 2015) diante do desconhecido. As pessoas usam sistemas de valores e significados, produzindo mecanismos de identificação, de acordo com Marandola Jr (2006, p. 45): “o reconhecimento do eu por ele mesmo e pelos outros está atrelado a um lugar, e assim permanece sempre que for nominado, implícito ou explícito”.

Preconceito geográfico atravessado pela pobreza, violência, localização periférica e racismo tensionando o casulo protetor dos habitantes, disseminando medos e ansiedades. Preconceito produzido e reproduzido por meio de imagens expostas pela mídia e

palavras que chegam aos não habitantes, alimentando o imaginário sobre a violência. O diferente a determinado ambiente social pode tornar-se uma categoria perigosa, má, defeituosa, fraca, que deve ser afastada (GOFFMAN, 2017). Para Lowenthal (1982), os estereótipos influenciam o aprendizado e saber das pessoas sobre os lugares. A educação e o tempo podem corrigir os estereótipos, mas não extinguem os estereótipos sobre algumas terras e povos.

### **Considerações Finais**

O preconceito geográfico e o racismo permeiam a experiência dos habitantes com os quais conversamos, se cruzam, mas são diferentes. Preconceito geográfico que tem como causas a violência, a pobreza, a localização periférica e a desigualdade racial. Os habitantes, no passado, tinham vergonha de dizer onde habitavam, mas com o tempo ressignificaram essa sensação em orgulho e luta por melhorias. O preconceito sobre o União da Vitória e Vista Bela é uma negação do londrinense preto e pobre, visto como promotor de violência contra o corpo do outro, não aceito como constituinte de Londrina, cidade que se apega a ideia de ser colonizada por brancos europeus. Abre-se a possibilidade de aprofundar reflexões sobre a negação do outro, não aceitação, não se colocar face a face para conhecer o outro, tendo como contexto a questão racial.

Os relatos dos habitantes desvelaram o preconceito geográfico e o racismo em diferentes situações. O preconceito se manifestou, ao estarem em contato com pessoas que não são o União da Vitória e Vista Bela, e por serem pretas. Esses não

habitantes tinham olhares, falas e gestos num sentido de inferiorizar aqueles que habitam e são o União da Vitória e Vista Bela, e, ao estarem face a face, se deparavam com o indesejado, negado, considerado inferior.

O União da Vitória e Vista Bela sempre foram negados, invisibilizados, não entendidos em seus modos próprios de existir. É necessário mais políticas públicas para ampliar a sensação de proteção dos habitantes, pois isso pode se refletir na visão de mundo dos não habitantes. Mas é importante que algumas ações não sejam impostas de fora para dentro e nem busquem apagar a singularidade do União e Vista Bela, respeitando as suas manifestações culturais, como beat box, capoeira, baile funk, por exemplo.

A localização na cidade, como no caso do União e do Vista Bela, e a pele preta tem força na composição da identidade das pessoas, pois, mesmo algumas tendo cursado o Ensino Superior, pós-graduação e terem sua própria empresa, quando falam onde habitam e as paisagens que as constituem, o nome e a pele preta ofuscam todas as outras características da pessoa, pois o imaginário do União da Vitória e Vista Bela, como violento, é resgatado, e o olhar de desconfiança é lançado. A paisagem onde habitam, constituem e são constituídos ofusca as qualificações profissionais, relações amorosas, amizades e venda de imóveis, além de dificultar a geração de serviços. O estranhamento, fechamento e negação do outro, se explica em parte pela presença de grandes quantidades de pessoas pretas, numa combinação explícita de preconceito geográfico e racismo.

Se a violência é manifestada em determinada paisagem, toda a paisagem é considerada violenta, permissora de agressão e encerramento da vida. Fruto da ausência de horizontalidade, estar em seu interior experienciando polissensorialmente. Não quer dizer que a violência não está presente nas experiências dos habitantes ao constituírem e serem constituídos pelo União da Vitória e Vista Bela, mas, sim, de entender que ambos não se resumem apenas à violência.

Algumas indagações propostas foram desveladas no decorrer da pesquisa. O caminho percorrido e os resultados estão abertos para reflexões e questionamentos para o amadurecimento e desdobramento em outras problemáticas de pesquisa. O percurso da pesquisa apontou horizontes de reflexões, conceitos que merecem desdobramentos futuros, como a violência, o medo e o preconceito geográfico.

A violência: o que é? A violência é apenas o fato concreto? Como ela se relaciona com o poder e controle? Como o roubo e o tráfico são experienciados? A presença do tráfico significa presença da violência? Como pensar a violência no sentido existencial?

O medo: quais são os desdobramentos de pensar o medo como estranheza (como a angústia e a ausência de controle), estranho (o outro, o desviante) e estranhar? A confiança se manifesta apenas quando estamos com os nossos? Como o contato com o outro, o diferente, afeta a sensação de (in)segurança?

O preconceito geográfico: ao refletir sobre como o União e Vista Bela são entendidos pelos não habitantes como paisagens do medo e como esse medo, a violência, é experienciado pelos seus habitantes, o preconceito geográfico aparece de forma significativa.

Acreditamos que o habitar e a experiência podem trazer grandes contribuições para aprofundar o entendimento do preconceito geográfico. Desdobramentos conceituais e ontológicos considerando o lugar e a constituição existencial, pensar o preconceito geográfico por meio da experiência.

## Referências

- ALBUQUERQUE JR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2012. 136 p.
- BESSE, J. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014. 120 p.
- BEZERRA, H. G. Planejamento urbano e programas habitacionais. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 1, n. especial, p. 523-536, jul./dez. 2014.
- CAMPONEZ, A. A. A Politização do Urbano: a experiência dos moradores do Jardim União da Vitória na conquista dos direitos de cidadania e da cidade. 2005. 132 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159 p.
- GALDINO, C. F. A população negra em Londrina: as interfaces entre violência e educação. 2017. 121 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.
- GIDDENS, A. **Identidade e modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 236 p.
- GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: LTC, 2017. 158 p.
- LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. 175 p.
- LONDRINA, P. **Siglon**. 2020. Disponível em: <https://geo.londrina.pr.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=5360a454d15146a3bcf4ebdbe8e49e03>. Acesso em: 25 set. 2020.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. DIFEL. São Paulo, 1982. p. 103-141.

MARANDOLA JR., E. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 42, p. 10-43, 2020.

MARANDOLA JR., E. **Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano**. In: III Encontro do ANPPAS. Brasília-DF. 2006.

MARANDOLA JR., E. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v.2, n. 1, p. 42-52, 2012.

MARANDOLA JR., E. **Um sentido fenomenológico de paisagem: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo**. In: Seminário Internacional "Questões Contemporâneas sobre Paisagem". Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo. 2014.

MARANDOLA JR., E. **Viagens por paisagens: experiências do sentir e do querer**. In: II Colóquio Internacional e Interdisciplinar. Literatura e Paisagem: estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa; Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, na França e em Portugal. Rio de Janeiro e Niterói. 2013.

NABOZNY, A. Da paisagem do olhar do geógrafo à paisagem como olhar o os olhares dos outros. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v.15, n.1, 2011.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar**. Londrina: Eduel, 2013. 248 p.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 374 p.

TUAN, Y. Thought and Landscape: The Eye and the Mind's Eye. In: MEINIG, D.W. (ed). **The Interpretation of Ordinary Landscapes**. New York: Oxford University Press, 1979. p. 89-102.

SASSI, B. da S.; NABOZNY, A.; CHAGAS, B. I. L. O corpo-sujeito, interconexões entre paisagem, assemblage e a rua — um exercício metodológico propositivo. **PerCursos**, Florianópolis, v. 22, n.48, p. 456 - 483, jan./abr. 2021.

SILVA, M. N. Alguns aspectos da trajetória dos negros na região metropolitana de Londrina. In: SILVA, M. N; PANTA, P. (org.). **Brasil: Paraná**. Londrina: UEL, 2014. p. 17 - 35.

SOUZA, A. E. Nas franjas da cidade: o cotidiano dos moradores do Jardim União da Vitória. In: SILVA, M. N; PANTA, P. (org.). **Brasil: Paraná**. Londrina: UEL, 2014. p. 67 - 85.

VINCENTIM, T. N; KANASHIRO, M. Análise do comércio e dos serviços nos empreendimentos do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV): estudo do caso Residencial Vista Bela – Londrina, PR. **Ambiente Construído**, v.16, n.4, 2016.

VITTO, D. Entre Paisagem do Medo e Casulo Protetor: Imaginário e Experiência Geográfica nos Bairros União da Vitória e Vista Bela, Londrina-PR. 2021. 150 fls. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

Submetido em: 21 de maio de 2022.

Devolvido para revisão em: 24 de junho de 2022.

Aprovado em: 08 de julho de 2022.

**Como citar este artigo:**

VITTO, D.; DELGADO PASCHOAL MOURA, J. Atravessando a pele preta: experiência de preconceito geográfico ao habitar paisagens do medo. *Terra Livre*, [S. l.], v. 2, n. 57, p. 553–584, [2021]. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/2312>.